



Panama Papers evidenciam insegurança dos dados de bancas

O vazamento de 11,5 milhões de registros dos clientes da banca panamenha Mossack Fonseca, já conhecido como *Panama Papers*, teve apenas um efeito concreto até agora: o de evidenciar que os escritórios de advocacia têm de fazer muito mais do que têm feito até agora para proteger os dados dos clientes.

Essa é a percepção do diretor administrativo para a Europa, Oriente Médio e África da firma de consultoria de risco Kroll Experts, Benedict Hamilton, segundo o site *The American Lawyer*. Para ele, o que aconteceu com a Mossack Fonseca, poderia ter acontecido com a maioria dos escritórios de advocacia, porque eles não estão tomando as medidas de segurança necessárias para a proteção de dados privados.

“Nenhum escritório pode se proteger totalmente contra um empregado que abusa da confiança e rouba seus dados, mas há medidas que podem ser tomadas para impedir o vazamento de documentos, seja por funcionários ou por hackers”, disse.

Depois da divulgação de parte dos documentos, o Mossack Fonseca disse em comunicado que se declara “vítima” de criminosos cibernéticos que invadiram seu sistema e que tem certeza de que o vazamento não foi um trabalho interno. “O vazamento está sendo investigado e se os hackers forem identificados, eles serão processados.”

Os *Panama Papers*, que ocuparam 2,5 terabytes de documentos, foram dados ao jornal alemão *Suddeutsche Zeitung*, que os compartilhou com a organização Consórcio Internacional de Jornalistas Investigativos. Foram necessários 400 jornalistas para trabalhar a primeira leva de documentos divulgados. Muita coisa ainda poderá emergir.

O vazamento dos registros nos *Panama Papers* ocorreu 48 horas após circularem informações de que 48 escritórios de advocacia foram “atacados” por criminosos cibernéticos, que invadiram (ou tentaram invadir) seus sistemas para buscar informações sobre aquisições e fusões.

Para o advogado Rohan Massey, sócio especializado em privacidade e segurança de dados da banca Ropes & Gray, o risco que os escritórios de advocacia correm de sofrer ataques cibernéticos é “incrivelmente real” e sempre serão alvos de ataques por causa da sensibilidade das informações que detêm.

“Temos de examinar o problema como uma classe profissional. Não tomamos as medidas necessárias porque nosso foco é sempre o cliente, mas precisamos nos adaptar.”

O presidente da Lieberman Software, Philip Lieberman, disse ao site que os clientes, especialmente os mais sofisticados, estão ficando cada vez mais exigentes sobre a segurança de seus dados nos sistemas dos escritórios de advocacia. Por isso, as bancas devem se antecipar e melhorar a segurança de seus sistemas.

“Há algumas bancas que já dispõem de recursos automatizados e adaptáveis de defesa cibernética



excelente, mas a maioria ainda são muito vulneráveis."

Date Created

10/04/2016